

CRISE POLÍTICA

Entre a gota de azeite e o fio da navalha

Foto: Flavio Florido/Folha Imagem

CLAYTON LEVY
EUSTÁQUIO GOMES

Há cinco meses o Brasil vive a mais grave crise política desde o impeachment de Collor. Nesse período a sociedade assistiu de tudo um pouco. Gente tida por intocável saiu de cena antes do previsto, enquanto outros, até então anônimos, foram trazidos ao centro do palco. A contundência das denúncias apontou para a necessidade de uma faxina no Congresso, mas o clima crepitante que marcou o início das CPI's parece ter se reduzido a um fogo brando, ideal para pizza. Pior que isso: corre-se o risco de uma inversão de mão. Uma semana atrás, quando o governo emplacou a presidência da Câmara com a eleição do deputado Aldo Rebelo, o presidente Lula chegou a reclamar da "falta de concretude" das denúncias e exigiu "reparação para os inocentes".

Nesta terça-feira, a mesa diretora da Câmara deverá aprovar a abertura de processo de cassação, no Conselho de Ética da Casa, contra 13 deputados acusados de envolvimento com o "mensalão". Desde quinta-feira passada, porém, já circulavam boatos de que estaria em curso uma intensa movimentação nos bastidores do Legislativo para que o Conselho sugira a absolvição de pelo menos seis parlamentares. Motivo: falta de provas. Uma "pizza brotinho", conforme já estão chamando alguns, suficiente para enganar a fome dos eleitores.

Numa outra tentativa de evitar cassações no atacado, o governo teria forçado um acordo para que seis deputados sob a mira do Conselho de Ética renunciem ao mandato. Em troca, garantiria a eles legenda para concorrerem à Câmara novamente no ano que vem. A manobra traria dois resultados imediatos: poupar os direitos políticos dos parlamentares acusados de corrupção e esvaziar a crise política. Resta saber como a população vai receber a manobra.

Para falar sobre o risco de a crise política terminar em pizza, o Jornal da Unicamp ouviu os professores Reginaldo de Moraes, doutor em filosofia, professor titular do Departamento de Ciência Política da Unicamp e autor de várias obras, entre elas *Neoliberalismo – de onde vem, para onde vai?*; Leda Paulani, doutora em economia, professora da Faculdade de Economia da USP, presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e autora do livro *Modernidade e discurso econômico*; Franklin Leopoldo e Silva, doutor em filosofia, professor da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP e autor do livro *Ética e literatura em Sartre*; e o jornalista e escritor José Nêumanne Pinto, editorialista do *Jornal da Tarde*, articulista do *Estadão*, romancista e poeta, cujo livro mais recente, *O Silêncio do delator*, acaba de ganhar o principal prêmio da Academia Brasileira de Letras. Leia os principais trechos da entrevista.



O presidente Lula durante cerimônia realizada no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC no último dia 3 de outubro

Jornal da Unicamp – **Há menos de um mês, um extenso grupo de intelectuais assinou um manifesto pedindo rigor nas apurações. No entanto, logo a seguir as CPI's que investigam esses episódios entraram numa fase de acomodação e, em pelo menos um caso, até de paralisia. Como o sr. (ou a sra.) está percebendo o momento atual da crise política?**

Franklin Leopoldo e Silva – A acomodação das CPI's deveria ser esperada por qualquer um que conheça minimamente o Congresso. Os episódios que estão sendo apurados não se referem somente aos parlamentares diretamente envolvidos no mensalão e na corrupção eleitoral. Eles trouxeram a público procedimentos tradicionais e práticas comuns a todos os partidos e a quase todos os parlamentares. Nesse sentido, a gritaria moralista da oposição nada tem a ver com a restauração da ética nas casas legislativas, hi-

"Waldomiro Diniz continua solto e o presidente age como se não tivesse nada com a hora do Brasil"

José Nêumanne

pótese desastrosa para todos e, felizmente para eles, impossível de se tornar realidade.

A oposição está se servindo daquilo que o PT fartamente lhe ofereceu: argumentos construídos através da separação hipócrita entre ética e política. Apanharam com avidez essa oportunidade porque não podem, sem contradição, criticar a política econômica do atu-

al governo, mais tucana e mais pefelista do que nunca, e também não podem, sem cair no ridículo, reclamar do desmonte da esfera pública e da marginalização do social. O propósito não é investigar e punir, porque a grande maioria dos parlamentares, principalmente os que agora são da oposição, concorda com os métodos empregados e já se utilizou muito bem desses instrumentos, de forma mais habilidosa do que o PT, é verdade. O propósito é desgastar moralmente o governo, com finalidades eleitorais, isto é, tirar o PT do governo para continuar o que o PT vinha fazendo naquilo que realmente importa, isto é, política econômica. E o próximo governo pode até se dar ao luxo de não ser tão radical quanto o atual, tendo em vista a distância que o governo do PT já percorreu na trajetória neoliberal.

José Nêumanne – Percebo que agora está havendo uma espécie de refluxo. Houve a onda de denúncias, muitas foram comprova-

das, caíram várias pessoas, inclusive políticos de muito poder, casos do chefe da Casa Civil e do terceiro nome na sucessão presidencial, o presidente da Câmara dos Deputados. Mas, ainda assim, as pessoas se comportam como se esperassem novos escândalos, sempre maiores e piores, para se convencerem de que a crise é grave. Essa expectativa, somada à vitória governista na sucessão da presidência da Câmara, é que motivaram o presidente Lula a fazer aquele discurso absurdo na Fiesp contra o "denuncismo", exigindo desculpas dos denunciantes aos inocentes. Waldomiro Diniz continua solto e o presidente age como se não tivesse nada com a hora do Brasil. Não é mesmo de amargar?

Leda Paulani – Como disse o professor Francisco de Oliveira em artigo recente na *Folha de São Paulo* (com Laymert G. Santos), a adesão sem peias do governo de Lula aos valores e interesses do mercado e do capital, particularmente do capital financeiro, matou a política enquanto algo substantivo. A crise é produto disso. Sem projeto para o país, o resultado de sua ascensão ao governo federal foi o fatiamento fisiológico do poder e a compra, por todos os meios, de apoio parlamentar. A incompetência no manejo desse processo abriu as comportas para uma atuação feroz da oposição meramente partidária que ele enfrenta. A intenção óbvia é enfraquecer Lula e os seus pares para que cheguem sem fôlego a 2006, desde que isso não comprometa o andamento da economia, em tudo favorável aos interesses rentistas das elites.

Por isso não faz nenhum sentido falar em "golpe" das elites contra Lula. Como foi dito num editorial do *New York Times*, se golpe há é para manter Lula no poder, mesmo com todas as denúncias, não para tirá-lo de lá. Veja-se que a operação é complicada e caminha sob um fio de navalha. É preciso enfraquecer Lula ao máximo, para enterrar qualquer perspectiva de sua continuidade no poder, mas não se pode esticar demais a corda, exacerbar a crise política a um ponto em que a economia seja abalada. O aparente refluxo que agora presenciamos é parte desse jogo, pois toda vez que ele se aproxima de uma zona perigosa, entram em cena os bombeiros para evitar que a queimadura passe do ponto.

Reginaldo de Moraes – Não creio que as CPI's tenham entrado em fase de acomodação. O fato é que nunca se preocuparam, de fato, em investigar os fatos. O que vimos foi uma volúpia de encenações diante das câmeras, discursos, perguntas sem sentido e uma enorme incapacidade, preguiça ou má-vontade com relação ao exame dos fatos e provas. Digo que talvez haja má-vontade e não apenas preguiça ou má-vontade por uma razão muito simples: o governo não tem grande interesse, por suposto, nisso tudo, mas, por outro lado, uma investigação mais funda chegaria onde a oposição também não quer chegar. O caso Eduardo Azeredo, abafado e escondido, é escandalosa demonstração desse fato. E ele é apenas uma das caixas paralelas da oposição, aquela que apareceu por acaso. Quantas outras apareceriam? A quem interessaria esse tipo de revelação? E como evitar esse transbordamento?

Continua nas páginas 6 e 7